



A Citação da *Palinódia* de Estesícoro no *Fedro* de Platão

Vanessa Araújo Gomes
Mestrado em Letras Clássicas (USP)
Orientador: Professor Doutor Daniel Rossi Nunes (USP)

Resumo:

Este artigo trata da citação da *Palinódia* de Estesícoro no *Fedro* de Platão, a fim de apresentar uma interpretação para as principais questões relacionadas à citação no contexto desse diálogo.

Palavras-chave: Poesia; Palinódia; Platão.

A citação de poemas líricos é comum nos diálogos platônicos devido à preocupação de Platão com o impacto da poesia na educação dos jovens, ou seja, com a instrução moral que a poesia oferece aos jovens.

Sendo assim, Platão usa a *Palinódia* de Estesícoro para demonstrar ao jovem Fedro que os deuses são bons e que, por isso, não podem ser causa de males, e que se alguém difamar as divindades, deve retratar-se assim como faz Sócrates a exemplo de Estesícoro.

Neste artigo, será analisada a citação dos seguintes versos da *Palinódia* no diálogo *Fedro* de Platão (*Fedro*, 243 a13 – b2):

Οὐκ ἔστ' ἔτυμος λόγος οὔτος,
οὐδ' ἔβας ἐν νηυσὶν εὐσέλμοις,
οὐδ' ἴκεο Πέργῃα Τροίας.

esse discurso não é verdadeiro:
nem foste nas naus de belos bancos,
nem chegaste à fortaleza de Troia.¹

Essa análise, porém, será centrada em algumas questões que se apresentam como essenciais para o estudo dessa citação: seu contexto, a relação de Sócrates com Homero e Estesícoro, a comparação da palinódia socrática com a *Palinódia* de Estesícoro, assim como a comparação da cegueira deste com a “cegueira” de Sócrates, entre outras.

A citação da *Palinódia* se dá no seguinte contexto: Fedro traz consigo um discurso em que Lísias diz que é preferível relacionar-se com quem não ama do que com um apaixonado, pois quem não ama age com plena consciência de seus atos, enquanto o apaixonado age guiado pelos desejos. Deste modo, o amor é visto como uma loucura, pois o amante tem atitudes que não condizem com a sua maneira habitual de ser, ou seja, quem ama sofre com delírios e quem não ama é equilibrado. Sendo assim, o amor é visto como algo ruim, pernicioso. Fedro, então, lê esse discurso para Sócrates, dizendo que não há quem discorra melhor do que Lísias sobre assuntos relacionados ao amor. Sócrates, porém, diz ter visto em algum lugar algo melhor sobre o amor, contrariando a opinião de Fedro.

Então, Fedro pede para que Sócrates faça um discurso sobre o amor melhor do que o de Lísias, sem fugir do argumento do discurso anterior. Sócrates

¹Tradução minha.

prefere não discursar, mas sente-se obrigado a falar, pois Fedro diz que nunca mais mostraria discurso algum a ele se não se pronunciasse. Ao aceitar o desafio, Sócrates diz que o fará com a cabeça coberta para que não se envergonhe ao olhar para Fedro. A cabeça coberta de Sócrates nesse primeiro discurso tem um significado especial, ao qual retornarei adiante.

Sendo assim, Sócrates faz seu discurso para mostrar as desvantagens de alguém ter ao seu lado um apaixonado, porém o interrompe e não quer prosseguir e falar sobre o que não está apaixonado, dizendo somente que este é o inverso daquele. Ao interromper o discurso, Sócrates tenta ir embora atravessando o rio, porém desiste pois “no momento preciso [...] em que me dispunha a atravessar o rio, manifestou-se-me o sinal divino que me é habitual e sempre me detém na execução de algum intento; pareceu-me ouvir uma voz aqui mesmo, que me impedia de sair antes de purificar-me, como se eu houvesse cometido alguma falta contra a divindade”². Esse sinal divino que Sócrates recebe e que o desvia de certas ações aparece também na *Apologia de Sócrates*, (31 d2 – 9), por exemplo.

É nesse contexto que Sócrates cita a *Palinódia* de Estesícoro.

Sócrates sente a necessidade de retratar-se com Eros, que, tanto no discurso de Lísias, quanto no do próprio Sócrates, foi tratado como uma loucura ruim capaz de tirar o homem de seu juízo perfeito e devido à qual o amante faz qualquer coisa para realizar os seus desejos, mesmo que isso provoque a infelicidade do amado. Eros é filho de Afrodite e, portanto, é um deus. E sendo um deus, jamais poderia enviar uma loucura maléfica aos homens, pois os deuses, segundo Sócrates, são bons. Desse modo, ao ser mostrado como pernicioso nos dois discursos anteriores, Eros foi profundamente ofendido. Por isso há a necessidade de Sócrates retratar-se com o deus, assim como Estesícoro retratou-se quando difamou Helena e por ela foi punido.

Vejamos a citação do poema de Estesícoro:

Para os que cometem pecado de mitologia, há uma purificação antiga que passou despercebida a Homero, não, porém, a Estesícoro. Privado da vista por haver injuriado Helena, não lhe escapou, como a Homero, a causa de semelhante fato; por frequentar as Musas, reconheceu-a e de pronto compôs os versos:

Foi mentira quanto eu disse.

² Fedro, 242 b10 – c4. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

*Nunca subiste nas naves
de belas proas recurvas,
nem no castelo de Tróia
jamais pisaste algum dia.*

Havendo escrito nesse estilo toda a denominada Palinódia, imediatamente recuperou a vista³.

ἔστιν δὲ τοῖς ἁμαρτάνουσι περὶ μυθολογίαν καθαρμὸς ἀρχαῖος, ὃν Ὅμηρος μὲν οὐκ ἤσθετο, Στησίχορος δέ. τῶν γὰρ ὁμμάτων στερηθεὶς διὰ τὴν Ἑλένης κακηγορίαν οὐκ ἠγνόησεν ὡς περὶ Ὅμηρος, ἀλλ' ἄτε μουσικὸς ὢν ἔγνω τὴν αἰτίαν, καὶ ποιεῖ εὐθύς –

Οὐκ ἔστ' ἔτυμος λόγος οὗτος,
οὐδ' ἔβας ἐν νηυσὶν εὐσέλμοις,
οὐδ' ἴκεο Πέργαμα Τροίας·

καὶ ποιήσας δὴ πᾶσαν τὴν καλουμένην Παλινωδίαν παραχρήμα ἀνέβλεψεν. ἐγὼ οὖν σοφώτερος ἐκείνων γενήσομαι κατ' αὐτό γε τοῦτο· πρὶν γάρ τι παθεῖν διὰ τὴν τοῦ Ἔρωτος κακηγορίαν πειράσομαι αὐτῷ ἀποδοῦναι τὴν παλινωδίαν, γυμνῇ τῇ κεφαλῇ καὶ οὐχ ὡς περὶ τότε ὑπ' αἰσχύνῃς ἐγκεκαλυμμένος.

É dessa maneira, no entanto, que Sócrates cita o poema de Estesícoro, pois precisa agir da mesma maneira que o poeta lírico. Por isso, em seguida, Sócrates faz um novo discurso, agora em louvor ao amor e aos demais dons enviados pelos deuses, como a profecia, a adivinhação, o dom da poesia que vem das Musas, visto que estas falam através da boca dos poetas, sendo estes um mero intermediário entre a Musa e os mortais. A fim de elogiar ainda mais os delírios enviados pelos deuses, Sócrates menciona a Pítia, sacerdotisa de Apolo em Delfos, que durante seus delírios presta “inestimáveis serviços à Hélade, tanto nos negócios públicos como nos particulares; ao passo que em perfeito juízo pouco fizeram, ou mesmo nada⁴.

³ *Fedro*, 243 a6 – b5. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

⁴ *Idem*, 244b1-3: [...] πολλὰ δὴ καὶ καλὰ ἰδίᾳ τε καὶ δημοσίᾳ τὴν Ἑλλάδα ἠργάσαντο, σωφρονοῦσαι δὲ βραχέα ἢ οὐδέν·

Sócrates prossegue seu longo discurso com uma descrição detalhada da alma, que segundo Platão é imortal, que vai da descrição de suas partes até sua trajetória no mundo das ideias.

Voltemos, pois, à citação do poema de Estesícoro. Logo no início da citação, Sócrates opõe-se a Homero, pois este não foi capaz de reconhecer que fazia discursos ímpios em relação aos deuses, ou seja, não foi capaz de corrigir seus erros. Nesse sentido, tem-se aqui uma crítica a Homero, segundo o qual os deuses mentem, enganam, dissimulam (*Ilíada*, canto XIV, episódio em que Hera seduz Zeus para intervir na guerra de Troia). Ao contrapor-se a Homero, Sócrates se compara a Estesícoro, pois este sim foi capaz de reconhecer a impiedade de seu discurso, que ofendeu profundamente uma divindade.

Porém, a retratação de Sócrates com o deus tem um grande diferencial em relação à de Estesícoro: Sócrates percebeu sua impiedade antes que o castigo da divindade caísse sobre si próprio, enquanto Estesícoro precisou ficar cego para perceber o motivo. Homero, entretanto, nem ao ficar cego procurou retratar-se com os deuses. Nesse ponto, Sócrates afirma mostrar-se mais sábio que ambos os poetas, pois, antes mesmo de sofrer uma desgraça, já se retratara com o deus. Essa palinódia socrática foi feita com a cabeça descoberta.

Voltemos pois ao significado que o fato de Sócrates cobrir a cabeça em seu primeiro discurso possui. Ao mostrar Eros como maléfico, Sócrates estava com a cabeça coberta. Estava, portanto, sem poder enxergar, ou seja, estava momentaneamente “cego”. Logo após esse discurso ímpio, Sócrates descobre a cabeça, ou seja, recupera a visão e depois disso faz o discurso de reconciliação com o deus. A cabeça coberta de Sócrates tem um significado metafórico: quando estava com a cabeça coberta não podia enxergar, ou seja, proferiu um discurso expressando a opinião de uma outra pessoa (Lísias), ao passo que, quando a descobriu, voltou a enxergar com clareza e por isso foi capaz de proferir sua própria opinião acerca do amor e da sua relação com os deuses.

Essa imagem de Sócrates piedoso e próximo dos deuses é bem explícita na *Apologia de Sócrates*, na qual o próprio filósofo explica que há uma voz divina que às vezes o desvia de certas ações, como a inserção na política democrática de Atenas, e que os sinais que recebe dos deuses não se limitam a vozes, mas também são recebidos através dos sonhos e por todas as formas pelas quais uma pessoa pode receber um sinal. Além disso, na *Apologia*, Sócrates explica também o caráter religioso de sua investigação filosófica, pois ela se deu a partir da afirmação do

deus de Delfos de que Sócrates seria o mais sábio⁵. A partir desse episódio, então, Sócrates inicia a sua investigação em busca de um homem mais sábio do que ele próprio, a fim de entender o que Apolo quis dizer através da Pítia. A investigação filosófica, portanto, assume para Sócrates um caráter religioso, pois este mantém-se ocupado com a filosofia a serviço do deus. Ao pensar nessa imagem de Sócrates religioso, não se deve esquecer que ela é feita pelo próprio Sócrates no contexto de um tribunal ateniense e tem como objetivo a absolvição da acusação de impiedade. Essa imagem aparece explícita dessa forma somente na *Apologia*, nesse contexto de tribunal no qual tanto a acusação quanto a defesa precisam fazer uso dos recursos retóricos.

Voltemos ao *Fedro*. Nesse diálogo, Sócrates age como um poeta, pois inicia seu primeiro discurso com uma invocação às Musas (237a9). Há uma comparação de Sócrates a Homero, na medida em que ambos invocam as Musas e fazem discursos ímpios, pois mostram os deuses com atitudes que não lhes são próprias, pois os deuses são bons. Sócrates age de forma semelhante a Homero, difamando os deuses quando não “pode enxergar”, mas, quando “recupera a visão”, procura logo se retratar com os deuses. Homero, de modo diverso, difama os deuses mesmo sendo cego, e em momento nenhum procura reconciliar-se com eles. Assim, durante o primeiro discurso Sócrates assemelha-se a Homero enquanto no segundo, a Estesícoro. A palinódia socrática é, portanto, uma purificação ritual à qual deveria submeter-se quem de alguma forma ofendeu alguma divindade. Nesse ponto, Platão aproxima Sócrates dos poetas, seja por semelhança (Estesícoro) ou por oposição (Homero).

Após essa sucinta análise da citação da *Palinódia* de Estesícoro, é conveniente que se faça a seguinte pergunta: por que Sócrates citou o poema de Estesícoro nesse contexto? A citação foi feita simplesmente para que Sócrates pudesse purificar-se? Sócrates citou a *Palinódia* somente por medo de alguma punição vinda de Eros?

Parece-me que não. Nos diálogos platônicos, Sócrates não é apresentado como uma pessoa religiosa segundo o senso comum, exceto na *Apologia*, na qual essa religiosidade marcante tem um caráter retórico. No *Fedro* não poderia ser diferente. Sócrates, então, cita a *Palinódia* não simplesmente por medo de uma punição, mas sim para que pudesse expressar suas próprias opiniões – a opinião de Platão que é explicitada através de Sócrates no diálogo.

O *Fedro* é considerado indiscutivelmente um diálogo da fase intermediária

⁵ *Apologia de Sócrates*, 20 e4 - 21 e2.

de Platão, na qual este expõe suas doutrinas através da personagem Sócrates (como a Teoria das Ideias e a da Alma Tripartida), e não um diálogo socrático propriamente dito como os da primeira fase platônica, na qual a refutação socrática era enfatizada. Ao situar o *Fedro* como um diálogo da fase intermediária, não se deve esquecer que as doutrinas nele expressas são as de Platão e não as de Sócrates, que é somente uma personagem.

Pode-se dizer, entretanto, que Sócrates cita a *Palinódia* para que as doutrinas platônicas pudessem ser expressas, ou seja, para preparar o jovem Fedro para uma discussão de caráter filosófico, e não retórico, como a que se deu em torno do discurso de Lísias. Essa mudança do âmbito retórico para o âmbito da filosofia é muito comum nos primeiros diálogos socráticos, nos quais Sócrates, muitas vezes, pede a seus interlocutores para que respondam ao que lhes foi perguntado com respostas breves, e que os discursos longos sejam deixados para uma outra ocasião (cf. *Górgias*, 449 b4 - 8). No *Fedro*, no entanto, Sócrates introduz o assunto por meio da citação da *Palinódia*.

No início do diálogo, Sócrates se diz interessado em ouvir o discurso de Lísias, mas seu interesse real é ouvir o discurso retórico para, a partir dele, iniciar uma discussão de cunho filosófico. Essa atitude de Sócrates é comum nos diálogos socráticos: no início do *Górgias*, por exemplo, Sócrates chega atrasado para a exibição de Górgias. Ao ser perguntado se quer que ele faça uma outra exibição, Sócrates demonstra interesse em estabelecer um diálogo, e não em ouvir a exibição de um retor.

A aversão de Sócrates ao sofista e, portanto, à retórica está relacionada ao âmbito da moral, pois este vê a retórica como uma forma de discurso feito apenas para entreter o público com exhibições, ou para convencer alguém de algo, seja nas assembleias, nos tribunais ou em qualquer outro lugar. Desse modo, a retórica não tem a mesma preocupação com a verdade que a filosofia, e por isso é tão combatida por Sócrates, visto que pode ser perigosa do ponto de vista da moral, na medida em que um bom retor pode ser capaz de convencer até mesmo uma multidão de algo que não é moralmente aceito. O sofista preocupa-se mais com os elementos estéticos, com a elegância e com a verossimilhança do discurso do que com a veracidade dele.

Um bom exemplo da desaprovação da figura do sofista por parte de Platão está na hierarquia das almas que aparece no *Fedro*, na qual o filósofo está no topo da hierarquia e o sofista ocupa uma posição inferior: “há uma lei que determina [...] que a (alma) que teve a visão mais rica (do mundo das idéias)

penetre no germe de um homem destinado a ser amigo da sabedoria e da beleza (filósofo) ou cultor das Musas e do amor; a alma colocada em segundo lugar dará um rei legítimo, potentado ou guerreiro de prol; a terceira classificada tornar-se-á político, ecônomo ou comerciante; a quarta, um ginasta amigo dos exercícios físicos ou alguém entendido nas curas das doenças do corpo; a quinta terá vida de adivinho ou de iniciado nos mistérios; a sexta será poeta ou alguém afeito às artes da imitação; a sétima, artista ou lavrador; a oitava, sofista ou demagogo, e a nona, algum tirano”⁶.

Ao prestar mais atenção nessa hierarquia das almas proposta por Platão, nota-se que o sofista ocupa a oitava posição de nove possíveis, só perdendo para o tirano, ficando atrás até mesmo dos lavradores. Nota-se também que o filósofo ocupa o primeiro lugar nessa escala. Tem-se, assim, uma explícita oposição entre o filósofo, primeiro lugar na classificação das almas, e o sofista, na penúltima posição.

Após essa descrição da hierarquia das almas ficou evidente que o interesse de Sócrates no início do *Fedro* não era o de ouvir o discurso de Lísias, mas sim estabelecer um diálogo de cunho filosófico, pois o sofista em Platão é visto como alguém de alma inferior, e, assim, Sócrates não teria interesse em ouvi-lo. Essa mudança do âmbito da retórica para o da filosofia é feita, através da citação da *Palinódia* de Estesícoro, pois Sócrates usa essa citação com o pretexto de que precisa se retratar com Eros devido a seu discurso ímpio. Esse temor aos deuses, entretanto, como se vê na *Apologia de Sócrates*, é um argumento retórico, pois neste diálogo Sócrates quer a absolvição da acusação de impiedade, e no *Fedro* o estabelecimento de um diálogo filosófico.

O presente trabalho procurou fazer uma análise sucinta da citação da *Palinódia* no diálogo *Fedro*. Buscou-se também apresentar uma interpretação para as principais questões relacionadas a tal citação nesse contexto do diálogo. Desse modo, foi demonstrado que o motivo dessa citação foi – além de educar o jovem Fedro a respeito dos deuses, mostrando-lhe que estes são bons e, por isso, não podem ser causa de males – introduzir o jovem no diálogo filosófico, na forma de discurso habitual de Sócrates.

⁶ Fedro, 248 d3 – c4. Tradução de Carlos Alberto Nunes. [...] ἀλλὰ τὴν μὲν πλείστα ἰδοῦσαν εἰς γονὴν ἀνδρὸς γενησομένου φιλοσόφου ἢ φιλοκάλου ἢ μουσικοῦ τινος καὶ ἐρωτικοῦ, τὴν δὲ δευτέραν εἰς βασιλέως ἐννόμου ἢ πολεμικοῦ καὶ ἀρχικοῦ, τρίτην εἰς πολιτικοῦ ἢ τινος οἰκονομικοῦ ἢ χρηματιστικοῦ, τετάρτην εἰς φιλοπόνου <ἢ> γυμναστικοῦ ἢ περὶ σώματος ἴασίν τινος ἔσομένου, πέμπτην μαντικὸν βίον ἢ τινα τελεστικὸν ἔξουσιν· ἕκτη ποιητικὸς ἢ τῶν περὶ μίμησίν τις ἄλλος ἀρμόσει, ἑβδόμη δημιουργικὸς ἢ γεωργικὸς, ὄγδῳ σοφιστικὸς ἢ δημοκοπικὸς, ἐνάτη τυραννικὸς.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, S. M. M. G. “A Helena de Estesícoro: análise dos fragmentos *Helena* (PGM Fr. N° 187 – 191) e *Palinódia* (PGM Fr. N° 192 -193)”. Iniciação Científica. Universidade de São Paulo, 2006.
- BOWRA, C. M. “The Two Palinodes Of Stesichorus”. In: *Classical Review*, vol. 13, 1963, pp. 245-252.
- DEMOS, M. *Lyric Quotation in Plato*. Florida International University, s.d.
- GRISWOLD JR., C. L. *Self Knowledge in Plato’s Phaedrus*. New Haven and London: Yale University Press, 1951.
- PLATÃO. *Diálogos*. Volume V. “Fedro”. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal do Pará, 1975.
- _____. *Apologia de Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal do Pará, 1975.
- TARRANT, D. Plato’s use of Quotations and Other Material. In: *Classical Quarterly*, vol. 1, 1951, pp. 302-314.
- WEST, M. L. “Stesichorus”. In: *Classical Quarterly*, vol. 21, 1971, pp. 302 – 341.



Recebido em Outubro 2009
Aprovado em Dezembro 2009